

Catarina Oliveira

## O Fortim Redondo e a defesa de Peniche no século XVI



Fortim Redondo, Fortaleza de Peniche. Catarina Oliveira, 2020

**Museu Nacional**  
**Resistência e Liberdade**

**Fortaleza de Peniche**

DGPC, 2020

## Nota introdutória

A estrutura que constitui actualmente a Fortaleza de Peniche é resultado de várias campanhas de obras decorridas em épocas diferentes. O imponente edificado de planta poligonal, cuja fisionomia acompanha o desenho irregular da costa penichense, foi construído na segunda metade do século XVII, no período conturbado que se seguiu à restauração da independência portuguesa, e durante o qual foi necessário reformar e reforçar o sistema defensivo das fronteiras portuguesas de terra e de mar.

No entanto, a génese da fortaleza está no baluarte circular que se situa no extremo sul do complexo. Denominado de Fortim Redondo, ou do Redondo, a estrutura ergue-se isolada e distinta, entre os muros do forte seiscentista e os edifícios da prisão do Estado Novo (imagem 1).

Este pequeno forte foi erigido na segunda metade do século XVI, correspondendo à primeira fase da implantação de um sistema defensivo moderno na região costeira de Peniche-Atouguia.

A proposta inicial de 1544 contemplava a construção de um conjunto de três estruturas fortificadas, mas este nunca seria erigido tal como foi apresentado. Foi D. Luís de Ataíde, o 3.º Conde da Atouguia, que acabou por patrocinar a obra já no segundo quartel de Quinhentos, com o beneplácito da Coroa.

Dela viria a resultar uma fortaleza de planta circular perfeita, flanqueada lateralmente por dois panos de muralhas, implantada no sítio conhecido então como Alto da Vela, sobre uma das escarpas da então ilha de Peniche.



1. Vista do Forte Redondo  
Foto: Catarina Oliveira, 2020

## 1. A importância estratégica de Peniche durante a época moderna.

Durante a época medieval, a ilha de Peniche, situada ao largo do porto de Atouguia da Baleia, serviu de local de abrigo aos pescadores locais, que ali também tinham os armazéns de preparação e armazenamento do peixe. Até ao século XVI, este ilhéu foi a zona de habitação de uma pequena comunidade que estava relativamente isolada e pouco defendida.

São os testemunhos documentais que permitem aferir a precariedade deste núcleo habitacional até à centúria de Quinhentos denotando que, embora os moradores da ilha tivessem sido agraciados com benesses régias no que respeitava à venda de bens de primeira necessidade e à isenção de serviço nas baleações durante os reinados de D. Pedro I e D. Fernando I<sup>1</sup>, foi somente no reinado de D. Manuel I que o povoamento permanente se tornou oficial.

De facto, a ocupação de Peniche e o desenvolvimento do tecido urbano que daí adveio estiveram intrinsecamente ligados à mudança geomorfológica que se verificou na ilha a partir do século XV. Ao longo desta centúria, o assoreamento do rio de São Domingos construiu paulatinamente uma ligação de terra firme entre o ilhéu e a costa que lhe estava fronteira. Tal processo viria a ocasionar o estreitamento da barra do rio, e conseqüentemente dificultou o acesso dos barcos ao embarcadouro da Atouguia da Baleia, acabando mesmo por provocar o seu encerramento.

Uma vez que este porto foi, durante a época medieval, o centro comercial e económico da região, o seu declínio teve conseqüências para a própria povoação de Atouguia. Paulatinamente, os seus habitantes foram migrando para a ilha de Peniche, um espaço amplo adentrado no mar que oferecia condições de excelência às actividades marítimas que sustentavam a vida de grande parte da população local, e que agora já não podiam ser desenvolvidas no ancoradouro medievo.

Assim, foi-se verificando o estabelecimento de um povoamento na ilha, com o núcleo primitivo a fixar-se na zona de Peniche de Cima, mais perto da passagem inicial entre o ilhéu e a costa. Nas décadas seguintes, a ocupação urbana foi evoluindo para Peniche de Baixo, o bairro onde viria a implantar-se a fortaleza.

Todo este processo culminou com o início *oficial* da urbanização da ilha em 1505. Foi nesta data que D. Manuel I “aforou em Peniche chãos a pescadores e outras quaisquer pessoas que o desejassem” desde que os terrenos fossem utilizados para a construção de habitações permanentes<sup>2</sup>. Nessa mesma época foi fundada a primeira confraria de mareantes em Peniche, a Irmandade de São Pedro Gonçalves Telmo ou

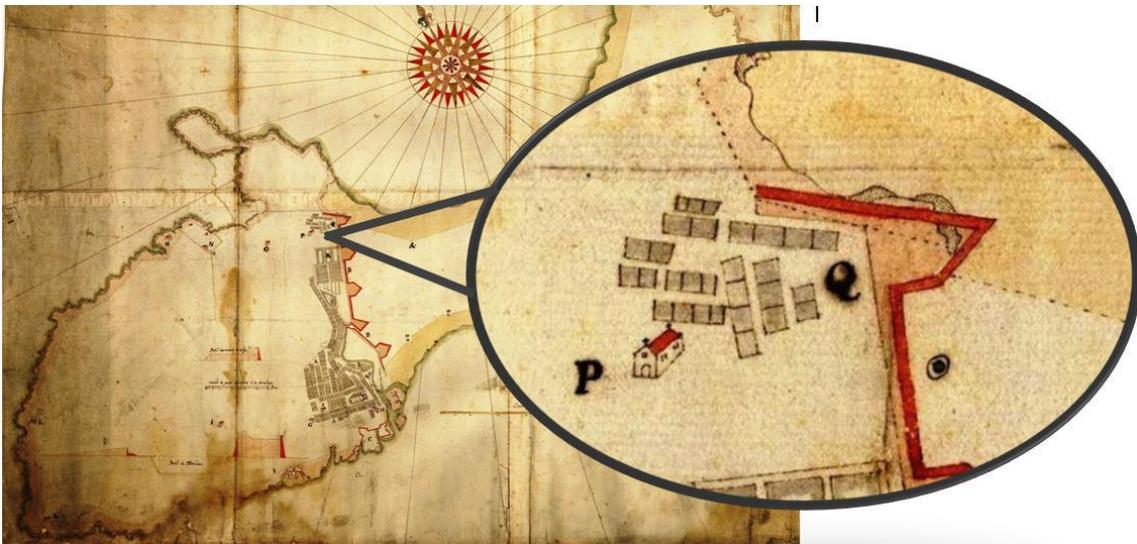
---

<sup>1</sup> CALADO, Mariano (1991). *Peniche na história e na lenda*. [S.l.]: Edição de autor, pp. 17-18.

<sup>2</sup> CALADO, Mariano (1991), p. 26.

do Corpo Santo<sup>3</sup>, numa das capelas da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda (imagem 2)<sup>4</sup>.

A nota da existência desta confraria na ilha é interessante porque é bastante reveladora da alteração do estatuto social e económico da povoação que ali existia. As confrarias de homens do mar eram, em essência, associações gremiais que organizavam a vida dos pescadores e marinheiros, fazendo cumprir as leis portuárias nas localidades, oferecendo assistência financeira aos seus associados mas, também, ditando regras de laboração, costumes e modos de vida. Estas agremiações detinham um grande poder económico e social, pelo que a instituição desta irmandade, precisamente no mesmo ano em que a Coroa determinou oficialmente a urbanização de Peniche, denota que a comunidade que aí vivia não era já nem pequena nem isolada.



2. Pormenor de Peniche de Cima, com o desenho da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, na planta de Peniche desenhada por João Gilot [1641-1657]  
Imagem: Museu Nacional Resistência e Liberdade – Fortaleza de Peniche. Montagem: Catarina Oliveira

Porém, as potencialidades de Peniche não se resumiam às condições que oferecia para albergar uma comunidade piscatória e mercantil vigorosa. Na verdade, à Coroa interessava cada vez mais a relevância geoestratégica que esta ilha, a caminho de se transformar numa península, podia ter na defesa do território.

A localização de Peniche, entre o litoral e o mar aberto, permitia três perspectivas defensivas de extrema utilidade táctica. Por um lado, dali podia realizar-se uma vigilância extensa da costa litorânea que lhe ficava fronteira; depois, a ilha permitia também uma defesa mais eficaz dos navios que ainda aportavam à região de Atouguia, aos quais o castelo medieval desta povoação não oferecia já resposta defensiva eficaz; por fim, ao vigiar o litoral e o porto, dali podiam também vigiar-se as

<sup>3</sup> São Pedro Gonçalves Telmo, frade dominicano nascido em Castela nos finais do século XII, é também conhecido como Santelmo ou Corpo Santo, sendo o padroeiro dos homens do mar e dos barqueiros. Este santo foi foco de profunda devoção entre as gentes do mar da Península Ibérica, sendo o titular de várias irmandades e confrarias de mareantes portuguesas, fundadas sobretudo entre os séculos XIV e XVI.

<sup>4</sup> Embora Mariano Calado situe o início da construção deste templo cerca do ano de 1500, o edifício foi profundamente reformado na época barroca, nada restando da estrutura primitiva. CALADO, Mariano (1999). *Visão Cronológica da História de Peniche*. [S.l.]: Edição de autor, p. 26.

embarcações que navegavam de passagem por aquela região, sobretudo eventuais navios inimigos que pudessem dirigir-se para Lisboa.

D. Manuel I rapidamente se apercebeu desta “importância estratégica que Peniche vinha assumindo em detrimento da Atouguia e da relevância nevrálgica da região no combate ao corso francês”<sup>5</sup>, cada vez mais activo ao largo atlântico da Península Ibérica. Como tal, o monarca terá ponderado a construção de uma fortaleza marítima na ilha logo no início do século XVI.

A notícia desta ideia para mandar erigir um sistema defensivo em Peniche é dada por uma nota documental de 1544, vinte e cinco anos depois da morte daquele soberano. Segundo D. Afonso de Ataíde, senhor de Atouguia, D. Manuel “tinha vontade de fazer, senão quanto tinha dito que queria cercar a ilha e a povoação da parte do sul, até ao norte, para que ficasse tudo fechado dentro”<sup>6</sup>. Ou seja, parece que o *Venturoso* terá ponderado cercar a ilha com muralhas e baluartes para proteger o porto e o núcleo habitacional. Porém, não se conhece qualquer projecto, com estudos e desenhos, desta hipotética fortaleza manuelina.

Certo é que a fortaleza para *cercar a ilha* não foi edificada na primeira metade do século XVI, e a florescente povoação de Peniche ficava cada vez mais exposta à pirataria.

## **2. Defender a terra a partir do mar: a frota de Peniche na primeira metade de Quinhentos**

Foi durante o reinado de D. João III que os ataques dos corsários franceses na região aumentaram substancialmente. Este tipo de assaltos foi a “resposta natural” da França de Francisco I à “posição de neutralidade assumida pelo Portugal joanino nas quatro guerras franco-hispânicas”<sup>7</sup>. Para defender a costa das investidas da pirataria, o *Piedoso* ordenou, em Janeiro de 1537, que se armasse uma frota de vinte navios para andar ao largo da costa, sendo que quatro ficariam na zona de Atouguia, um dos lugares frequentemente atacados<sup>8</sup> (imagem 3).

Esta foi a defesa possível, que a médio prazo se veio a comprovar não ser a mais eficaz. De facto, o tipo de ataques inimigos iam mudando com a transformação dos recursos pirobalísticos, e a costa portuguesa tinha poucas fortalezas que criassem uma linha de fogo estável que, ao mesmo tempo, atacasse e estivesse protegida por muralhas.

---

<sup>5</sup> CAMPOS, Nuno de Vila-Santa Braga (2013). *A Casa de Atouguia, os últimos Avis e o Império. Dinâmicas entrecruzadas na carreira de D. Luís de Ataíde (1516-1581)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Departamento de História. (Tese de doutoramento), p. 96.

<sup>6</sup> CALADO, Mariano (2000), *Fortificações da região de Peniche*. [S.l.]: Edição de autor, p. 61.

<sup>7</sup> CAMPOS, Nuno de Vila-Santa Braga (2013), p. 96.

<sup>8</sup> CALADO, Mariano (2000), p. 52. A restante esquadra distribuía-se estacionando quatro navios em Caminha, três em Cascais, três em Sesimbra ou Sines, quatro em Lagos e dois em Portimão.

Nas décadas seguintes, os quatro navios da armada da Coroa não conseguiram travar as ofensivas, já que os piratas e os corsários continuavam a deslocar-se anualmente à zona “em busca do pescado da região e da navegação comercial que por ali passava”, atacando os portos circundantes e as suas populações, ao mesmo tempo que se refugiavam nas ilhas Berlengas<sup>9</sup>.



3. Representação de navios latinos, ou caravelas latinas, numa vista de Lisboa cerca de 1500-1510. Frontispício da *Crónica de D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão. Imagem: [Wikipédia](#)

O problema persistiu, e os efeitos devastadores das incursões corsárias em Peniche foram-se acentuando, tendo graves repercussões na vida e na economia das populações local. Assim, chegava-se a meados de Quinhentos e a ilha, onde “a gemte he muita, e [que] crece cada dia”, continuava com uma falha grave na defesa quer da população cada vez mais numerosa quer dos acessos terrestres que, dali, se tinha para outros pontos urbanos do país.

Foi pois em 1544 que D. João III mostrou finalmente o interesse em edificar uma estrutura defensiva na ilha, pedindo ao Senhor de Atouguia da Baleia que lhe desse informações sobre Peniche e o melhor local para erigir ali uma fortaleza.

<sup>9</sup> CAMPOS, Nuno de Vila-Santa Braga (2013), p. 96.

### 3. D. Afonso de Ataíde, senhor de Atouguia e visionário de Peniche

A primeira fortificação de Peniche está intrinsecamente ligada aos Ataíde, não só porque, enquanto Senhores de Atouguia da Baleia, eram os donatários daquela povoação, mas também porque foi a família que incentivou e patrocinou a construção do baluarte na segunda metade do século XVI.

Como referido, no ano de 1544 D. Afonso de Ataíde, o 3.º Senhor de Atouguia<sup>10</sup>, enviou uma carta a D. João III onde apresentava o projecto de uma fortificação na ilha de Peniche. A sugestão do nobre sobreveio em resposta a uma carta régia que permanece desconhecida<sup>11</sup>, onde o monarca inquiriu sobre a melhor localização para se fazer a nova fortaleza. Esta missiva de Ataíde foi, na verdade, a “certidão de nascimento de todo o sistema defensivo posterior à construção do castelo de Atouguia”<sup>12</sup>, já que o senhor de Atouguia propôs ao monarca que se erigissem no ilhéu três estruturas fortificadas.

Dando voz aos desejos da população e defendendo as suas necessidades, D. Afonso começou por informar o rei que havia reunido dois armadores, “dos principaes da terra”, dois pedreiros e um magistrado para avaliarem consigo as potencialidades defensivas do povoado.

O grupo propunha à Coroa que se erguesse no ilhéu de Cabanas uma “fortaleza” constituída por muros com trinta palmos de altura e doze e meio de espessura até “ho pano das ameas”, este com a altura “que bem parecer”, tendo “quatro baluartes que defendão os quatro panos do muro”, além de uma “torre d’ amenajem”<sup>13</sup> com dois andares. Esta fortificação, implantada sobre a desembocadura do rio e numa excelente posição sobre a praia da Consolação, serviria para recolher a população em caso de ataque e evitar que os navios inimigos pudessem adentrar no rio e atacar o local de recolhimento dos barcos de pesca<sup>14</sup>. Do outro lado, virado a sudoeste, deveria fazer-se “huma torre com seu baluarte no alto da Vella”<sup>15</sup>.

Assim, cada uma das fortificações ficaria implantada sobre um dos lados do extremo sul-sudeste de Peniche. Esta disposição permitia “cortar d’uma a outra”, ou seja, criar uma espécie de fosso defensivo entre os potenciais pontos de desembarque e o resto da ilha, para que “nunca se posa combater, nem entrar” em Peniche<sup>16</sup>. Deveria ainda ser erigida uma muralha com porta, defendida por um baluarte, no

---

<sup>10</sup> D. Afonso de Ataíde era neto do 2.º Conde de Atouguia, D. Martinho de Ataíde. O seu pai D. João de Ataíde decidiu, contra a vontade do pai, professar como frade na Ordem Franciscana, abdicando do título e da casa da família. Assim, e embora tenha sucedido ao avô como Senhor de Atouguia, D. Afonso nunca viria a receber o título de conde, concedido depois por D. Sebastião ao seu filho D. Luís de Ataíde. Sobre a questão sucessória dos Ataíde, ver CAMPOS, Nuno de Vila-Santa Braga (2013), pp. 51-70.

<sup>11</sup> CALADO, Mariano (2000), p. 52. Na sua extensa investigação sobre os Ataíde, Nuno Braga Campos também não encontrou este documento régio; CAMPOS, Nuno de Vila-Santa Braga (2013), p. 96.

<sup>12</sup> A carta foi transcrita na íntegra por CALADO, Mariano (2000), pp. 53-62.

<sup>13</sup> CALADO, Mariano (2000), p. 54. Mais à frente na missiva, o senhor de Atouguia afirma que as torres de menagem deveria ter abóbadas de pedra no interior, para que não se pudesse “pôr fogo” às estruturas.

<sup>14</sup> O ilhéu de Cabanas corresponde ao local onde actualmente se localiza o Forte de Cabanas, alguns metros a este da fortaleza principal. CALADO, Mariano (2000), pp. 53-54 e notas 13 3 14 na p. 68.

<sup>15</sup> CALADO, Mariano (2000), p. 54.

<sup>16</sup> CALADO, Mariano (2000), p. 54.

“porto da área”, uma pequena praia no sul da ilha, “pera não poderem ali desembarcar gente nenhuma”<sup>17</sup>.

D. Afonso reforçava ainda a evidente importância da defesa do porto penichense; segundo o senhor da Atouguia, Peniche fornecia mais de meia centena de povoações em diferentes regiões do país, de maior e menor importância. Cidades como Lisboa e Coimbra, vilas interiores como Estremoz, Covilhã ou Campo Maior, ou ainda lugares próximos como Óbidos, Lourinhã ou Caldas eram abastecidos de peixe proveniente de Peniche, ao mesmo tempo que muitos grupos de almocreves compravam pescado na ilha, que depois era distribuído por zonas raianas como a Beira ou Riba Côa<sup>18</sup>.

A carta informou também o rei que, se não fosse construído um sistema defensivo eficaz na zona costeira da Atouguia-Peniche (imagem 4), era possível desembarcar na ilha “cem mil combatentes em terra” e que tal desembarque colocaria em perigo cidades como Leiria, Santarém e Lisboa, já que o acesso terrestre a qualquer uma das urbes era relativamente fácil a partir da região<sup>19</sup>.



4. Pormenor da representação da região de Peniche na *Carta de Portugal* desenhada por Fernando Álvaro Secco em 1561.  
Imagem: [Wikipédia](#)

A par das questões de geoestratégia, D. Afonso de Ataíde expôs os orçamentos dados por Gabriel Brás e Luís Fernandes, os dois pedreiros que acompanharam o senhor de Atouguia no levantamento. Disponibilizando-se para fazerem a obra, estes mestres davam à Coroa um minucioso cálculo dos trabalhos<sup>20</sup>, que incluía a compra de pedraria, madeira, o pagamento de ferramentas, as jornas de trabalhadores, carros para o material, e até a compra de “huma dúzia de negros”, ou seja, escravos para laborar no estaleiro.

É precisamente entre as estimativas dos custos que se descobre aquela que é a indicação mais interessante dada a D. João III sobre a futura fortificação de Peniche.

<sup>17</sup> CALADO, Mariano (2000), p. 54.

<sup>18</sup> O nobre dá uma lista de mais de sessenta “cidades, villas e lugares”. CALADO, Mariano (2000), pp. 55-56.

<sup>19</sup> CALADO, Mariano (2000), p. 61.

<sup>20</sup> CALADO, Mariano (2000), pp. 56-58.

D. Afonso de Ataíde e os homens de Peniche, que conheciam bem a ilha e o melhor modo de a defender, advertiram o monarca – independentemente de o *Piedoso* pensar ou não em entregar o projecto a um dos seus arquitectos – que o baluarte da “banda do mar” de cada uma das fortificações devia ser redondo. Esta proposta planimétrica, que denota alguns conhecimentos de engenharia militar, foi feita por Luís Fernandes, “mestre das obras de Valbemfeito”<sup>21</sup>, e acabará por, de alguma forma, ter eco na estrutura que foi erigida mais de dez anos depois.

Assim, em meados do século as gentes de Peniche e o seu senhor propunham a D. João III que se edificasse na ilha e no seu porto duas fortalezas implantadas em pontos altos da ilha e uma muralha com baluarte e porta, esta mais junto à praia. Embora não se conheça nenhum desenho dos dois fortes, a carta descreve as estruturas, permitindo reconstituir a planimetria apresentada por D. Afonso de Ataíde ao rei. Se a primeira é descrita como um forte composto por quatro muros com ameias coroados nos extremos por quatro baluartes a que se juntava uma torre com dois andares, a segunda é denominada taxativamente *huma torre com seu baluarte*.

Na verdade, apresentam ambas o mesmo modelo - um forte quadrado ou rectangular com um torreão implantado ao alto. Este arquétipo é nada menos que o modelo das torres abaluartadas construídas no início do século XVI, como a Roqueta de Viana do Castelo, integrada no Forte de Santiago da Barra, as desaparecidas torres de São Sebastião da Caparica e de Santo António de Cascais ou o exemplar mais famoso desta tipologia, a Torre de Belém (imagem 5).



5. À esquerda, vista aérea da Torre de Belém. Foto: DGPC.  
À direita, vista geral da Roqueta de Viana do Castelo. Foto: <https://olharvianadocastelo.blogspot.com/>

<sup>21</sup> O mestre pedreiro era o responsável pela obra do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Vale Benfeito, o cenóbio masculino pertencente à Ordem de São Jerónimo erigido entre 1535 e 1548 nos arredores de Óbidos, sob a protecção da rainha D. Catarina.

Era esta, portanto, a proposta inicial para a fortaleza de Peniche ou, em rigor, para um sistema defensivo composto por três grandes estruturas autónomas que serviriam para proteger a população, o porto onde os navios de grande porte atracavam e faziam comércio, e os locais que abrigavam os barcos de pesca. É, em essência, a origem do sistema de vários fortes que, cem anos mais tarde, viriam a ser erigidos na zona costeira da vila de Peniche.

Apesar do empenho de D. Afonso de Ataíde, a resposta da Coroa tardou em chegar, e o senhor de Atouguia acabaria por morrer em 1555 sem ver o projecto do baluarte sequer iniciado. Caberia ao seu filho D. Luís de Ataíde, o 3.º Conde de Atouguia, patrocinar a construção da primeira fortaleza de Peniche, o Fortim do Redondo.

#### 4. “Enquanto Ataíde defender a nossa costa...”<sup>22</sup>. O 3.º Conde de Atouguia e a fortaleza de Peniche

Em Junho de 1557 D. Luís de Ataíde, filho de D. Afonso e seu sucessor no senhorio de Atouguia, endereçou uma carta a D. João III descrevendo mais um ataque de corsários franceses à região, ocorrido nas semanas anteriores. O nobre, que passara largos anos na corte e se distinguira ao serviço do rei no Norte de África (imagem 6), havia voltado a residir de forma mais permanente na Atouguia depois da morte do pai, mas mantinha uma relação de confiança com o rei<sup>23</sup>.

A missiva tinha como objectivo alertar que os atacantes estavam ancorados no arquipélago das Berlengas, tentando desta forma permitir aos navios que navegavam de norte para sul evitarem um possível assalto e consequente captura. Ao mesmo tempo, o fidalgo – um militar valoroso e com experiência em contra-ataques e defesas, por mar e terra, nas praças norte-africanas – colocava-se à disposição da Coroa para combater os navios inimigos estacionados nas Berlengas. O que D. Luís não imaginava era que, no mesmo dia em que escrevia, D. João III morria em Lisboa<sup>24</sup>.



6. D. Luís de Ataíde, Vice-rei da Índia  
Imagem: [Wikipédia](#)

<sup>22</sup> RESENDE, André de (2009). *As Antiguidades da Lusitânia*. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes. Col. Portugaliae Monumenta Neolatina, vol. III. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 158.

<sup>23</sup> Sobre o interessante percurso de D. Luís de Ataíde, ver CAMPOS, Nuno de Vila-Santa Braga (2013), pp. 70-364.

<sup>24</sup> O monarca viria a falecer a 11 de Junho, o dia em que D. Luís de Ataíde assinou a carta e três semanas depois do

Este é um dado importante, já que foi muito provavelmente o ataque descrito que impulsionou em definitivo “a autorização régia para a construção do primeiro baluarte da fortaleza de Peniche”<sup>25</sup>. Ora, a edificação do Fortim Redondo foi sempre atribuída ao *Piedoso*. Mas, apesar do interesse que o monarca havia manifestado em erigir uma fortificação na ilha, confirmado na carta de 1544, a verdade é que até à sua morte o projecto não passou de uma ideia. Assim, a decisão de construir um forte em Peniche terá datado já da regência de D. Catarina<sup>26</sup>, a rainha-viúva que governava em representação do neto menor, D. Sebastião.

Embora este fosse um projecto herdado do seu pai, D. Luís de Ataíde foi a figura que ficou indelevelmente ligada à fortaleza de Peniche. Cerca de 1572 André de Resende<sup>27</sup>, reconhecido humanista português seu contemporâneo, afirmava que foi por “pedido e diligência” do futuro conde de Atouguia que se construiu o “forte com baluartes para defesa da cidadela e para manter afastados da costa os piratas”, atribuindo assim a Ataíde, “tão grande homem”, a construção do baluarte.

## 5. O Fortim Redondo, uma “mole gloriosa, soberba, ameaçadora”<sup>28</sup>.

A estrutura erigida a partir de 1557 seria diferente da fortaleza quadrangular com baluartes nos vértices e uma torre central que D. Afonso de Ataíde e os seus pedreiros propuseram em 1544.

O Fortim Redondo desenvolve-se numa planta circular que se segmenta de forma peculiar; embora a cerca exterior forme um círculo perfeito, o *redondo* está dividido na secção interior, sendo cerca de dois terços reservado aos alojamentos da guarnição e o restante espaço ocupado pela antiga praça de armas (imagem 7).

A metade do pano de muralha que está voltada ao mar é equipada com canhoiras no registo superior. Do lado virado para o interior da fortaleza, o baluarte exhibe um portal de pedra com um frontão triangular, que integra uma grande cartela inscrita sobrepujada por escudo de armas, já edificado no século XVIII. Em torno do muro exterior foi colocado, a toda a volta, um friso de pedra boleado (imagem 8).

O edifício que se ergue no interior do baluarte corresponde ao espaço original dos antigos aquartelamentos, e a cada um dos lados deste edifício existem duas rampas com escadas que dão acesso à plataforma superior, um terraço rodeado por canhoiras (imagem 8). A grande sineira com balcão que se ergue sobre a porta principal deste espaço foi erigida também mais tarde, na campanha de obras da segunda metade do século XVIII.

---

ataque. CAMPOS, Nuno de Vila-Santa Braga (2013), p. 120-121.

<sup>25</sup> O monarca viria a falecer a 11 de Junho, três semanas depois do ataque.

<sup>26</sup> CAMPOS, Nuno de Vila-Santa Braga (2013), p. 121.

<sup>27</sup> RESENDE, André de (2009), p. 158.

<sup>28</sup> RESENDE, André de (2009), p. 158.



7. Em cima, vista geral do Fortim do Redondo. Foto: Catarina Oliveira, 2020  
Em baixo, à esquerda, vista aérea do fortim nos anos 40 do século XX. Foto: Museu Nacional Resistência e Liberdade – Fortaleza de Peniche. À direita, pormenor do desenho do fortim na *Planta da Cidadela da Praça de Peniche*. Imagem: GEAEM/Exército Português



8. À esquerda, pórtico do fortim e sineira; à direita vista dos antigos aquartelamentos e da rampa lateral.  
Fotos: Catarina Oliveira, 2020

Permanece desconhecido o autor do desenho original do Fortim Redondo. Sabe-se que Gonçalo de Torralva, o mestre pedreiro que desenhou a Catedral de Miranda do Douro e irmão do arquitecto Diogo de Torralva, foi mestre da obra da fortaleza<sup>29</sup>. Não será, assim, de excluir a possibilidade de o projecto primitivo ser proveniente do grupo de arquitectos régios que à época edificavam várias fortalezas marítimas no continente e nos territórios transatlânticos ou, pelo menos, de um mestre que lhe era próximo.

Até ao momento todas as investigações têm indicado que a estrutura circular do forte foi erigida entre 1557 e 1558, atendendo à inscrição em latim que se encontra sobre o portal principal do baluarte<sup>30</sup>. No entanto, esta epígrafe é posterior à edificação original; conforme se infere pelo texto de André de Resende, a inscrição original do forte não mencionava qualquer data, de início ou de conclusão<sup>31</sup>.

É bastante provável que a primeira campanha se tenha prolongado por mais anos. Relembre-se que se estava a construir, de raiz, uma fortaleza sobre uma escarpa, que precisava de fundações sólidas e profundas num local onde não poucas vezes o mar é tempestivo e embate nas rochas. Um ano apenas não seria suficiente para uma obra desta dimensão. Como tal, é seguro considerar que entre 1557, a data da autorização régia, e 1567, a data do primeiro *Regimento* da praça, as obras tenham sido contínuas ou, pelo menos, decorrido com uma cadência bastante regular.

Precisamente em 1567, no mês de Agosto, o Cardeal D. Henrique assinava o alvará que autorizava a primeira guarnição da fortaleza. Em resposta à informação de D. Luís de Ataíde, ainda “Senhor da villa de Atouguia”, de que a fortaleza de Peniche estava “posta em ordem pera se nella poderem por officiaes”<sup>32</sup>, o regente validava a criação de um corpo militar composto por um capitão, um condestável, doze artilheiros, seis bombardeiros e um escrivão. Confirma-se assim que no verão de 1567 a estrutura do *redondo* estava terminada.

A finalização da primeira fase da obra coincidiu com a partida de D. Luís para a Índia, na sequência da sua nomeação como vice-rei da região. Esta ausência do senhor de Atouguia do país terá provocado uma paragem temporária na edificação da fortaleza. De facto, embora a estrutura central estivesse já operacional, faltavam construir os panos de muralha laterais, que aumentavam o alcance do sistema defensivo.

Quando Ataíde voltou de Goa em 1572, a construção foi retomada, prolongando-se desta vez até 1578, pelo menos. Nesta data, e já com o título de Conde de Atouguia, D. Luís foi novamente nomeado para vice-rei, partindo outra vez para o Oriente. Nestes seis anos ficaram “levantadas muralhas” em torno do fortim, que correspondem sensivelmente à linha de muros que, fazendo um ângulo do lado

---

<sup>29</sup> A referência é dada num documento régio de 1572, mencionando “Gonçalo de Torralva, mestre de obras da fortaleza Datouguia”. Como refere Mariano Calado, esta confusão da época entre Atouguia e Peniche não deve induzir em erro, já que a fortaleza de que Torralva foi responsável foi, efectivamente, o Fortim Redondo, uma vez que o castelo de Atouguia estava à data praticamente desactivado. CALADO, Mariano (2000), p. 83.

<sup>30</sup> “Esta fortaleza foi erguida por D. Luís de Ataíde por ordem do sereníssimo rei D. João III. Foi começada no ano de 1557 e concluída no ano de 1558 no reinado do invencível rei dos portugueses Sebastião Primeiro”. Transcrição de CALADO, Mariano (2000), p. 82.

<sup>31</sup> RESENDE, André de (2009), p. 158.

<sup>32</sup> Transcrição de CALADO, Mariano (2000), p. 82.

oposto à porta principal, delimitam cada um dos lados do fortim para sudoeste e sudeste (imagem 9).



9. Representação do Fortim Redondo e das suas muralhas laterais antes da construção da Fortaleza de São Francisco.  
Pormenor da planta de Peniche desenhada por João Gilot [1641-1657].  
Imagem: Museu Nacional Resistência e Liberdade – Fortaleza de Peniche

Ficava assim concluída a edificação do Fortim Redondo, o “forte muito sólido” que D. Luís de Ataíde patrocinou na ilha de Peniche no terceiro quartel do século XVI. Não se sabe qual a dimensão que o 3.º Conde de Atouguia queria imprimir a este projecto defensivo, uma vez que aparentemente a fortificação ficou incompleta. No entanto, sendo uma das duas fortalezas em Portugal continental a apresentar uma planta que se desenvolve num círculo perfeito, este baluarte deve ser creditado pelo estatuto único que usufrui na arquitectura militar do século XVI.